

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS CAMPUS DIANÓPOLIS
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO**

**LIBRAS: UM DESAFIO NO ENSINO REMOTO DURANTE A
PANDEMIA**

SUSANA MARTINS DE ALBUQUERQUE

DIANÓPOLIS

2022

SUSANA MARTINS DE ALBUQUERQUE

**LIBRAS: UM DESAFIO NO ENSINO REMOTO DURANTE A
PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito básico para a conclusão do Curso Superior de Licenciatura em Computação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, *Campus Dianópolis*.

Orientadora: Esp. Fabiana Bonfim de Santana
Rodrigues
Coorientadora: M^a.Márcia Ney Pessoa

DIANÓPOLIS

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

D278l de Albuquerque, Susana
Libras : Um desafio no ensino remoto durante a pandemia /
Susana de Albuquerque. – Dianópolis, TO, 2022.
92 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Computação)
– Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins,
Campus Dianópolis, Dianópolis, TO, 2022.

Orientador: Me. Fabiana Bonfim de Santana Rodrigues
Coorientador: Me. Márcia Ney Pessoa

1. Estudantes surdos. 2. Inclusão. 3. Libras e TDICs. I. Bonfim de
Santana Rodrigues, Fabiana. II. Ney Pessoa, Márcia. III. Título.

CDD 004

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.
Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SUSANA MARTINS DE ALBUQUERQUE

**LIBRAS: UM DESAFIO NO ENSINO REMOTO DURANTE A
PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito básico para a conclusão do Curso Superior de Licenciatura em Computação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, *Campus Dianópolis*.

Aprovado em: 30 / 08 / 2022

BANCA AVALIADORA



Prof.ª Esp. Fabiana Bonfim de Santana Rodrigues

IFTO – *Campus Dianópolis*



Prof.ª Ma. Márcia Ney Pessoa

IFTO – *Campus Dianópolis*



Prof.º Esp. Stênio de Sousa Vieira

IFTO – *Campus Dianópolis*

DIANÓPOLIS-TO

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus que tem sido o meu companheiro de todos os momentos ora de alegria, ora de tristeza e pela força que ele proporciona em minha vida.

Não poderia deixar de reconhecer a importância da minha mãe Ana, meu pai Adão, dos meus irmãos Neuma, Jocivan, Noelma, Jéssica e os sobrinhos Marcos Vinícius, Cecília, Théo, Matteo, Gael e Noah, pois mesmo na ausência me apoiavam incondicionalmente.

Não tenho nem palavras para expressar a minha gratidão a vocês prof.^a Esp. Fabiana Bonfim de Santana Rodrigues e prof.^a M^a Márcia Ney Pessoa pela orientação deste trabalho, e acrescento que vocês foram fundamentais para que esse sonho pudesse se tornar realidade. Estendo meus agradecimentos aos professores que nos concedeu as entrevistas durante a pesquisa e assim todos que contribuíram na construção deste trabalho.

Por fim, dedico esse momento especial a meu filho Davi Lucas e ao meu esposo/companheiro Mariel por todo o amor, carinho e paciência que sempre demonstraram por mim. Pelos momentos de ausência, fraqueza, grosserias, peço desculpas de todo o meu coração.

Confesso que inúmeras vezes pensei em desistir, mas diante dos obstáculos que enfrentei me senti na obrigação de concluir essa faculdade, por todos aqueles que estiveram comigo todos esses anos.

Apreendi que meu tempo não é o tempo das outras pessoas, tenho minhas dificuldades, medos, superações e está tudo certo, o importante é persistir.

O caminho não é fácil, mas acreditar no seu potencial e buscar compreender que tudo acontece no momento oportuno, é essencial para conseguir vencer. Isso vale para todos os desafios que enfrentamos na vida, pois algumas vezes aquilo que adquirimos com facilidade, não conseguimos conservar por muito tempo. Busque sempre o que for melhor para você, e não importe com as críticas e de quem são vindas, pois faz parte do processo e ao final vai perceber o quanto valeu a pena.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 PROBLEMA DE PESQUISA	7
3 JUSTIFICATIVA	10
OBJETIVOS	122
4.1 Geral	122
4.2 Específicos	122
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	123
6 REVISÃO DA LITERATURA	124
6.1 Inclusão	124
6.2 Libras e surdez	126
6.3 Ensino Remoto	20
6.4 TDICs	23
7 RESULTADOS DE PESQUISA	25
8 CONCLUSÃO	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
Apêndice A: Roteiro das Entrevistas	31
Anexo A: Projeto Proapes	32

Resumo

A presente pesquisa teve como objetivo identificar os desafios enfrentados pelos professores para o ensino de estudantes surdos dos cursos Técnicos Integrados ao ensino médio do *Campus Dianópolis* do IFTO no período de pandemia do coronavírus, analisando como as TDICs podem auxiliar no ensino remoto desses estudantes, mediado também pela Libras. A Língua Brasileira de Sinais ao longo dos tempos assumiu um papel importante de derrubar barreiras sociais e incluir pessoas. Ainda que seja um desafio, é necessário trazer temas como esse para a sociedade, com o intuito de dar maior visibilidade à comunidade surda. Contudo, apesar de por um lado haver necessidade de inclusão não somente da Libras nos ambientes sociais, por outro, há indivíduos pouco ou quase nada informados sobre a vivência das pessoas surdas socialmente. Na escola não é diferente. Além de este trabalho ser uma realização pessoal, ele também registrou estratégias e possibilidades de inclusão. Suas ideias se fundamentam em teóricos como Maria Teresa Eglér Mantoan (2003) e José Manuel Moran (2018, 2022).

Palavras-chave: Estudantes surdos. Inclusão. Libras, TDICs.

Abstract

The present research aimed to identify challenges faced by teachers while teaching of deaf students of the Technical Integrated to the high school courses of the *Campus* Dianópolis of IFTO in the period of pandemic of the coronavirus, analyzing how the TDICs can assist the remote teaching of these students, mediated also by Libras. The Brazilian Sign Language has played an important role in breaking down social barriers and including people. Although it is a challenge, it is necessary to bring themes like this to society, in order to give greater visibility to the deaf community. However, although, on the one hand, there is a need to include not only Libras in social environments. There are also individuals who are few or almost uninformed about the experience of deaf people socially. At school it is no different. In addition, this work is a personal achievement. It also registered strategies and possibilities for inclusion. These ideas are based on theorists such as Maria Teresa Eglér Mantoan (2003) and José Manuel Moran (2018; 2022).

Keywords: Deaf students. Inclusion. Libras, TDICs.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo identificar os desafios enfrentados pelos professores que têm estudantes surdos no *Campus* Dianópolis do IFTO no período de pandemia do coronavírus, analisando como as Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação (TDICs) podem auxiliar o ensino remoto desses estudantes, mediado também pela Língua Brasileira de Sinais (Libras). Além disso, serão destacadas as dificuldades no processo de ensino que desafiam toda a equipe escolar. Pretendo com este trabalho dar mais visibilidade a essa parcela da população, além de contribuir para que os estereótipos sejam desconstruídos ou ressignificados, repensando padrões dessa sociedade extremamente preconceituosa.

Vale ressaltar a importância da Libras, língua dos estudantes surdos no Brasil, como instrumento de comunicação com surdos e promoção de suas aprendizagens. No entanto, apesar de sua relevância, a Libras parece ainda ser pouco utilizada. Nesse sentido, será observado se a unidade tem feito uso da Libras e se estudantes surdos estão tendo acesso a todos os recursos que possibilitam sua inclusão. Além disso, procurarei verificar como funciona esse processo de inclusão e de que forma ele é feito.

Diante desse cenário, as TDICs têm ganhado destaque por viabilizarem a modalidade de ensino remoto. Ao que tudo indica, é um preceito permanente, uma vez que ressignifica o conceito de educação perante a sociedade, tornando o processo de aprendizado mais flexível e facilitando a vida dos educandos e de seus respectivos educadores, apesar de não substituir o ensino presencial.

Antes do enfrentamento à pandemia, pouco se pensava a respeito do uso das tecnologias digitais como meio de integração de conteúdo/aprendizado às aulas, realidade essa que já era adotada em diversos países, todavia ainda sem uma vertente discursiva no âmbito educacional brasileiro, em contrapartida obrigatoriamente mudou o viés de ensino durante o isolamento social imposto pelas autoridades de saúde. O isolamento foi uma medida de segurança visto que, no momento, não havia outra possibilidade a não ser a interrupção das atividades presenciais.

Por outro lado, tanto os educadores quanto os educandos se viram numa problemática tendo que aprender a utilizar diversas ferramentas como o google meet e zoom, o desafio se perdura quando há a necessidade de internet razoável a fim de desenvolver as atividades propostas pela instituição, na qual mesmo após mais de dois anos de implantação desse sistema

as condições de acesso enfrentam os mesmos impasses discutidos antes da decisão de seguir o ensino à distância.

Assim, esta pesquisa vai discorrer sobre um pouco da história da inclusão, além da história da Libras e de seus pressupostos. Por outro lado, também será investigado o histórico do ensino mediado pelas TDICs.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

Este trabalho teve como problema de pesquisa: Como o uso de tecnologias digitais influenciaram o ensino de estudantes surdos dos cursos Técnicos Integrados ao ensino médio do *Campus Dianópolis* do IFTO no período de pandemia pela COVID 19?

Um dos impasses quanto ao desenvolvimento desta pesquisa foi o distanciamento, dado que atualmente a maioria ainda utiliza smartphones nas horas vagas como forma de distração, uma realidade que cresceu nesse período pandêmico, mas que se o trabalho não for exclusivamente ou parcialmente online, obter um feedback através de aplicativos de conversa ou redes sociais é muito difícil.

Ademais o tempo de desenvolvimento e absorção do conteúdo para construção do trabalho, também se esbarrou na instabilidade de conexão, contato com os docentes, horários controversos uma vez que todos tornamo-nos automáticos e tal praticidade mesmo que saindo pouco de casa nos deu essa liberdade de sermos multitarefas, todavia ainda nos acostumando com a nova realidade distanciamos ainda mais da perfeição que nos é exigida no ambiente acadêmico ou em quaisquer desafios que nos propomos quando requer cumprir prazos e etapas.

Abrangente e ao mesmo tempo necessário ainda mais em tempos como este, que é tão complicado abordar determinados assuntos socialmente. Ter a Libras desde as séries iniciais seria um diferencial nas instituições de ensino ou ao menos ser uma opção de cursinho, ter um espaço nas escolas que toda a comunicação fosse em sinais ou algo semelhante.

Por outro lado podemos citar a ausência de médicos, enfermeiros, dentistas e outros que saibam se comunicar também em línguas de sinais, enfatizando que em qualquer órgão seria de extrema importância e necessidade um tradutor para um possível atendimento. Nesse sentido, seria viável dizer que a sociedade deve se adaptar às necessidades dos surdos bem como eles socialmente.

Mais do que pensar no problema da pesquisa, é necessário lembrar que as tecnologias digitais da informação e comunicação foram peças fundamentais na educação. Isso depende muito do contexto e da forma em que elas foram inseridas, como são vistas e utilizadas por professores e estudantes.

É inegável seu reconhecimento como um suporte para o aprendizado, o que não significa que vá substituir o ensino presencial e sim reforçar. Nenhuma tecnologia substitui um ser humano, são objetos diferentes e cada um tem seu papel socialmente.

Assistir filmes, participar de palestras, mini cursos, todas essas atividades fizeram parte da minha preparação, sendo que somente o contato com uma disciplina não seria o suficiente

para desenvolver um bom trabalho. Persistir na Libras foi desafiar meus próprios limites, pois havia vários fatores que poderiam interferir no desenrolar da pesquisa, dentre eles a não convivência com um surdo, o contato direto com um profissional(intérprete) para aprofundar mais no aprendizado mesmo que fosse o básico e por fim o manuseio de equipamentos e/ou ferramentas como o meet para assistir às aulas.

Esse é o primeiro passo para uma sociedade mais igualitária em direitos e deveres. Espero algum dia me tornar uma tradutora/intérprete da libras e poder trazer mais conhecimento para minha comunidade. Apesar de todos os percalços e não estando em meu lugar de fala, é de grande importância que a sociedade conheça a Libras, a surdez e todos os paradigmas que a envolvem, tendo consciência disso talvez aprendam e respeitem as diferenças.

O isolamento social, antes visto como algo longe da realidade, se tornou real no momento mais crítico da pandemia da Covid-19, sem ter a certeza de quanto tempo levaria para que as vacinas fossem desenvolvidas e liberadas para a população, a solução foi se isolar. Não foi fácil ficar dentro de casa mesmo que só por um período, mas diante do caos não houve outra solução. Até por questão de segurança, diminuindo os riscos de contaminação do vírus e consequentemente as mortes.

Outro fator que dificultou o convívio muitas vezes, foi o impacto emocional ocasionado pelo longo período de isolamento social, sendo que o único meio de se comunicar era através das telas. Apesar das dificuldades em manusear tais equipamentos, o anseio por notícias seja da família, para trabalhar e estudar superou essas dificuldades. E para manter o controle diante de uma situação tão complicada muitos apelaram para a ajuda de psicólogos ou psiquiatras.

Atitudes como essa fazem toda diferença na vida das pessoas. Mesmo que para alguns, o fato de ser atendido por um profissional dessa área significa que o indivíduo esteja perturbado ou algo do tipo, pensar assim é um tanto quanto equivocado, mesmo porque quando o cidadão(ã) tem a atitude de buscar ajuda desses profissionais significa que ela tem consciência que algo não está muito bem. Visto que, corpo e mente devem estar em equilíbrio para se ter uma qualidade de vida melhor.

Se tratando do tema Libras, como mencionado ao longo do trabalho, foi a partir do momento que cursei uma disciplina e me identifiquei com a questão. Por ser algo diferente da minha realidade, pois até então não havia tido contato com nenhuma pessoa surda, busquei conhecer ao menos o básico e aprender a respeito das leis que regem o país e que beneficiam essas e outras pessoas.

Ligado a esse fato, vivíamos um momento de muitas dúvidas relacionadas à educação e como seria as aulas ministradas virtualmente, e com a orientação correta consegui abordar sobre

a Língua Brasileira de Sinais e o uso das tecnologias digitais no período da pandemia. Inúmeros desafios foram superados ao longo da pesquisa, todavia o objetivo que era trazer um pouco dessa temática para a sociedade, acredito que alcancei e simultaneamente falando do momento que estávamos vivendo e de como as tecnologias digitais foram importantes nesse processo.

3 JUSTIFICATIVA

A escolha do respectivo tema justifica-se devido sua relevância no contexto social, dado que estamos imersos em processos pautados pela exclusão. Por outro lado, grupos excluídos estão buscando ser e estar presentes em ambientes em que a sociedade muitas vezes considera que eles não têm a capacidade de fazer parte daquele meio. Decidi desenvolver este trabalho também pela necessidade particular de conhecer essa realidade vivenciada no que se compreende por ser surdo, suas limitações, superação, além de aprofundamento sobre a Libras, uma vez que hoje é importante ter um diferencial no mundo de trabalho que está cada vez mais competitivo. E vejo nela uma maneira de abrir novos caminhos no futuro enquanto profissional e ser humano. Atrelado a isso, vejo as TDICs como grande parceira do ensino aos surdos e também no desenvolvimento da educação.

Por me identificar com a proposta a ser discutida e compreender essa lacuna existente na educação, acredito que para haja uma desconstrução é preciso conhecer, valorizar e respeitar as diferenças de cada indivíduo, buscando incluí-los em todos os contextos, sem olhar o grupo ao qual pertence. Nesse sentido, vale destacar a importância de Leis como a da Inclusão, a Declaração Universal dos Direitos Humanos e outras que garantem a essa população e a outras em geral acesso a esses direitos. Contudo, para promoção da inclusão, percebe-se a necessidade de políticas públicas.

Pretendo, por meio desse projeto, mostrar um pouco da realidade vivida por professores que têm estudantes surdos no processo de ensino-aprendizagem, utilizando a Libras com o auxílio das tecnologias digitais. Além disso, é possível perceber que o processo de ensino não se restringe à sala de aula na relação aluno e professor, o que nos faz ver que necessita uma ação conjunta entre a comunidade e as instituições de ensino, na busca pela promoção de uma educação de qualidade.

Ademais, é notório que existem estereótipos acerca de indivíduos surdos, como se pode perceber em simples conversas dentro e fora do ambiente escolar. Isso precisa ser reavaliado diante de pressupostos ou discussões como esta. Esse retrocesso é vigente neste país, que ratifica a violência como uma das vertentes mais presentes na atualidade e que discrimina inúmeras pessoas e grupos sociais, devido à sua condição ou deficiência. Informar é uma das formas de combater essa violência. Este trabalho mostra algumas informações que podem contribuir com a desconstrução dos estereótipos.

Tendo também como objetivo reafirmar a importância da igualdade de direitos, uma vez que aqueles definidos ou considerados “minorias”, são alvos de quaisquer desigualdades, privados de seus direitos básicos além da camuflagem já validada no ensino básico que deveria abrir as portas para uma ampla discussão acerca da diversidade.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

- Identificar os desafios enfrentados pelos professores para o ensino de estudantes surdos dos cursos Técnicos Integrados ao ensino médio do *Campus* Dianópolis do IFTO neste período de pandemia do coronavírus, analisando como as TDICs podem auxiliar no ensino remoto desses estudantes, mediado também pela Libras.

4.2 Objetivos Específicos

- Fazer um levantamento histórico sobre a inclusão e seus fundamentos;
- Descrever o emprego da Libras no processo de ensino-aprendizagem de estudantes surdos;
- Evidenciar a importância das Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação como suporte para o ensino a distância e para a Libras;
- Analisar o ensino remoto de estudantes surdos no período de pandemia no curso Técnico em Agropecuária integrado ao ensino médio no *Campus* Dianópolis do IFTO.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa consiste em um estudo de caso realizado com professores do campus Dianópolis do IFTO. De acordo com Yin (2001), um estudo de caso consiste em uma metodologia que tem por objetivo observar um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto real. Nesse sentido, o trabalho pesquisou o ensino a estudantes surdos ao longo da pandemia, que iniciou em março de 2020. Foi observado como tem sido o processo de adaptação das aulas para esses educandos, levando em consideração a utilização de TDICs disponíveis para a mediação do ensino.

Para pontuar esse desenvolvimento foram realizadas entrevistas em profundidade com professores e outros profissionais que atuaram no *Campus* Dianópolis durante o período de ensino remoto devido à pandemia do coronavírus. As entrevistas consistiram em conversas em que os interlocutores relataram suas experiências. Essas entrevistas foram realizadas por meio de conversas presenciais ou pelo aplicativo de mensagens WhatsApp.

Reforçando o papel que esses meios de comunicação prestaram na educação desses estudantes. Não isentando a responsabilidade e o protagonismo dos educadores, mas dando a entender que tecnologia e educação podem caminhar juntas desde que haja equilíbrio e disponibilidade em aprender a utilizá-las, como objetos auxiliares no processo de ensino.

A análise desses resultados ocorreu de maneira qualitativa, em que foram apresentadas impressões e críticas ao processo. Os resultados foram relacionados às teorias tanto sobre inclusão quanto acerca de ensino remoto de TDICs e da Libras para verificar se os objetivos foram alcançados.

6 REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo apresenta os principais fundamentos teóricos e conceituais sobre surdez e inclusão, Libras, ensino remoto e TDICs.

6.1 Inclusão

Falar de inclusão é pensarmos em um movimento mais amplo de natureza abrangente para atender os estudantes com necessidades específicas. A educação inclusiva tem como intenção efetivar os direitos à educação, igualdade de condições e de oportunidades. O direito de todas as pessoas à educação encontra-se consagrado na Declaração dos Direitos Humanos e reiterado nas políticas educacionais dos países; porém, ainda existem milhões de crianças e adultos que não têm acesso à educação ou que recebem uma educação de menor qualidade.

Esses direitos dizem respeito não somente a ter acesso à educação, mas, a que todos os estudantes possam ter qualidade no acesso e sejam participativos e inseridos no contexto educacional. O direito à educação vem como pleno desenvolvimento do sujeito, proporcionando igualdade de oportunidades de acesso se adequando às necessidades específicas de cada um. No processo de inclusão, é preciso transformar a educação comum, para que, a partir desse propósito possa eliminar as barreiras que limitam a aprendizagem, desenvolvimento e participação dos estudantes no processo de ensino aprendizagem.

O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando portanto da relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que, os que assim encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue. Por isso, o diálogo é uma exigência existencial. (FREIRE, 1987, p.45).

É notável que a escola é um espaço fundamental para socialização da cultura e construção da identidade do estudante. Nesse sentido, destaca-se a importância do uso da Libras para a aprendizagem e se reforça a pertinência da acessibilidade para o ensino. Além de pontuar que existem leis que amparam a população em geral com ênfase nesse público. Ademais, essas leis devem ser cumpridas, em alguns casos tendo a necessidade de ser efetivada de maneira judicial.

Não adianta, contudo, admitir o acesso de todos às escolas, sem garantir o prosseguimento da escolaridade até o nível que cada estudante for capaz de atingir. Ao contrário do que alguns pensam, não há inclusão, quando a inserção de um aluno é condicionada à matrícula em uma escola ou classe especial. A inclusão deriva de sistemas educativos que não são recortados nas modalidades regular e especial, pois

ambas se destinam a receber estudantes aos quais impomos uma identidade, uma capacidade de aprender, de acordo com suas características (MANTOAN, 2003, p.30).

É necessário compreender que a capacidade das pessoas com necessidades específicas não está relacionada a sua condição física, porém a sociedade ainda ‘valoriza’ algumas características, sendo estas cruciais para avaliar determinado indivíduo como capaz de alcançar tal objetivo ou não. Ademais, o âmbito social ao qual estamos sujeito ratifica veementemente esta "realidade" excludente, a partir do pressuposto de que o campo da Libras só é explorado caso haja a necessidade para um eventual suporte a determinada pessoa, desconsiderando-a como uma língua universal.

Uma sociedade inclusiva vai bem além de garantir apenas espaços adequados para todos. Ela fortalece as atitudes de aceitação das diferenças individuais e de valorização da diversidade humana e enfatiza a importância do pertencer, da convivência, da cooperação e da contribuição que todas as pessoas podem dar para construir vidas comunitárias mais justas, mais saudáveis e mais satisfatórias. (SASSAKI, 2010, p.172).

Ao falar sobre inclusão é importante dizer o papel que as tecnologias digitais têm prestado nesse processo de inserção. Por serem ferramentas de fácil manuseio, possibilita que os aprendizes se sintam confortáveis em desenvolver as atividades, além de proporcionar maior interatividade com a turma. Todavia, nos deparamos com um sistema político enfraquecido e economicamente desestabilizado ao discutir a hipótese de tornar o ensino principalmente público majoritariamente tecnológico.

Diante disso, cabe ressaltar que a educação, ademais no âmbito da inclusão, rege à medida que sua demanda sofre impactos ligados a política do país, no qual as lideranças impõem variados formatos de sistemas a cada ano eleitoral. Isso afeta diretamente o desenvolvimento das unidades de ensino e conseqüentemente os educandos, visto que parte dessas mudanças estão relacionadas com os investimentos na educação.

Tal regressão impacta diretamente as pessoas surdas, uma vez que sendo “vítimas” desse modelo de educação seletivo e específico, submergem-se à sua condição social e econômica, em que o baixo número de discentes com determinada condição involuntariamente fortalece a não necessidade de implementar um sistema capaz de atender esses grupos. Como exemplo de inclusão quando o assunto é surdez, seria a inserção da Libras nas escolas desde a base educacional.

Além de ações em parceria com diversas entidades que apoiem esta causa e a comunidade reforçando a relevância da diversidade e dando mais autonomia aos sujeitos(surdos), reforçando seus direitos e deveres como cidadãos comuns.

6.2 Libras e surdez

A Libras é uma sigla dada à Língua Brasileira de Sinais que é utilizada como meio de comunicação dos surdos no Brasil. É transmitida por meio de gestos e expressões faciais, e isso varia de região para região, pois cada uma possui suas particularidades. A Lei 10.436/02, chamada Lei de Libras (BRASIL, 2002), além de reconhecer a ser um importante marco para a educação de surdos no Brasil, reconheceu a Língua Brasileira de Sinais como língua oficial do país. No Art. 1º da referida Lei, afirma-se que a Libras e outros recursos a ela associados são o meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda no Brasil:

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, consiste em um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas no Brasil (BARROS, 2017, p. 25).

Sendo validadas através dessas leis, a sociedade vê a obrigatoriedade de torná-la integrante dos espaços públicos, como as escolas de ensino regulares, por exemplo. Contudo, um direito garantido à população surda ainda não é realidade em algumas dessas instituições. Ainda atrelada a essa insuficiência, os surdos encontram outros obstáculos durante o processo de adaptação, ao se depararem com uma sociedade que desconhece a Libras, além do não reconhecimento da língua como um meio de comunicação por parte de muitos.

No âmbito educacional, é notória a ausência de estudos aprofundados sobre suas especificidades, tanto no ensino fundamental quanto no superior, para além da invisibilidade de figuras públicas: escritores, atores, diretores, professores, médicos que convivem com essa condição e são veementemente camuflados pela hipocrisia da sociedade ao não assumir a necessidade de discutir sobre os grupos considerados minoritários em quaisquer espaços diariamente.

Em 2010, através da Lei nº 12.319, foi regulamentada a profissão de Tradutor e Intérprete da Libras. Uma decisão que veio para mudar a realidade de muitas pessoas, isso significou uma grande conquista no momento em meio a muitos obstáculos. De acordo com o Art. 2º dessa Lei (Brasil, 2010), “o tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa.”

A falta de conhecimento acerca da Libras ocorreu inclusive com esta acadêmica, que teve seu primeiro contato com a língua através da disciplina Fundamentos de Libras. Desde então mudei minha visão a respeito e vim buscando participar de seminários e palestras, dentre outros

eventos, com a finalidade de conhecer mais desse universo ainda pouco explorado. A Libras é muito mais que uma língua gestual, é uma trajetória, uma conquista da população surda no país.

Os desafios de ser surdo vão além da convivência em casa, já que na opinião de alguns pais seus filhos podem sofrer preconceito em meio aos outros. Além disso, boa parte da sociedade ainda é seletiva, no que diz respeito a pessoas com algum tipo de deficiência, como é o caso da surdez, mesmo tendo seus direitos garantidos por lei. A justificativa seria o fato de não saber como agir diante desses indivíduos ou resistência ao conhecer o diferente. Não obstante, o preconceito permeia diversos campos no que tange à seletividade de grupos quando considerados minoritários e com características específicas. A Libras como uma das línguas oficiais do país também se depara com a diferenciação principalmente no ambiente de trabalho, na escola, em espaços públicos e privados, onde o critério para disputar ou ser integrante de determinado lugar não engloba quem domina Libras.

Percebo que há um processo dialógico e dialético entre a ludicidade, a inclusão social e a aquisição de novos conhecimentos. Porque se é verdade que jovens surdos necessitam avançar nos recursos linguísticos para atingir um nível mais elaborado nas brincadeiras, também é verdade que o ambiente lúdico pode promover avanços nas competências sociais desses jovens. E todas essas competências favorecem e ampliam o processo de ensino-aprendizagem (BARROS, 2017, p. 35).

Nesse viés, é notório que a Libras está incluída em contextos de caráter oficial ou indissociável, sem chocar-se com a sociedade que não a utiliza, sendo este comportamento de costume, momentos desconfortáveis que beiram o constrangimento, adaptam-se a pouca oportunidade dada aos surdos de mostrar sua capacidade, quando estas não são confrontadas pelo preconceito e pré-julgamento. Por outro lado, vimos que nesse período pandêmico os principais veículos de comunicação têm dado mais visibilidade aos surdos, como exemplo é a presença de intérpretes nos pronunciamentos do presidente da república ou mesmo em vídeos postados nas redes sociais. Tais comportamentos considerados necessários são vistos de maneira positiva, porque por muitos anos foi invisibilizada. A população surda luta por um reconhecimento garantido por Lei, todavia este vinha sendo ignorado e tratado com irrelevância.

Vale destacar alguns nomes de escritores surdos brasileiros e internacionais, como Emmanuelle Laborit, Hellen Keller, Pierre Desloges, Sueli Ramalho Segala, Carlos Skliar. Suas obras são pertinentes e de suma importância na atualidade, todavia ainda são pouco reconhecidos. Além disso, a maioria das pessoas desconhece que são surdos. Daí a relevância de não somente conhecer essas personalidades, mas também de valorizar seus trabalhos.

Como parte integrante dessa discussão acerca da Libras, o bilinguismo propõe que o estudante aprenda tanto a língua oral quanto a escrita, sendo primordialmente importante a inserção desse formato de ensino desde a infância. Todavia, há discordâncias no que diz respeito a esse modelo de ensino, em que as dúvidas persistem e atrasam a implementação de uma educação adequada a essas pessoas.

Hoje o Bilinguismo é ressaltado pelos autores como a mais adequada filosofia na educação de alunos com surdez, muitos defendem que a Libras deve ser ensinada separadamente da língua oral, uma nova concepção, um respeito à língua de sinais que oferece aos alunos surdos a oportunidade de se expressarem, desenvolver a linguagem, interagindo com o meio em que vive, aprendendo na escola e na comunidade em que está inserido (NASCIMENTO, 2018, p. 07).

Para isso, é necessário rever as políticas públicas de inclusão da Libras, e não somente quando mencionadas em um trabalho acadêmico como esse, ou mesmo uma palestra, um seminário. É preciso que a sociedade saiba e pratique isso todos os dias do ano e que compreenda que o ser surdo precisa ser e estar presente nos mais variados ambientes, cumprindo seus deveres e usufruindo dos seus direitos.

Para desconstrução da generalização da surdez, é preciso desmistificar a ideia de que o sujeito surdo tem uma característica específica. É preciso conhecer acerca da variedade na qual a surdez se engloba. Dividida em graus, essa condição pode ser destacada na tabela abaixo:

Quadro 1: Classificação do grau da perda auditiva (Lloyd e Kaplan, 1978)

MÉDIA TONAL	DENOMINAÇÃO	HABILIDADE PARA OUVIR A FALA
< 25 dBNA	Audição normal	Nenhuma dificuldade significativa
26 - 40 dBNA	Perda auditiva de grau leve	Dificuldade com fala fraca ou distante
41 - 55 dBNA	Perda auditiva de grau moderado	Dificuldade com fala em nível de conversação
56 - 60 dBNA	Perda auditiva de grau moderadamente severo	A fala deve ser forte; dificuldade para conversação em grupo.
71 - 90 dBNA	Perda auditiva de grau severo	Dificuldade com fala intensa; entende somente fala gritada ou amplificada.
> 91 dBNA	Perda auditiva de grau profundo	Pode não entender nem a fala amplificada. Depende da leitura labial.

Fonte: Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia (2020, p. 14)

Diante disso, reitera-se a importância do diagnóstico precoce, sendo este feito através do teste de orelhinha nos primeiros dias de vida da criança, o qual não inviabiliza um futuro

desenvolvimento do quadro de surdez, porém facilita o processo de adaptação, instrução aos pais e a alfabetização do indivíduo.

De maneira geral, o momento atípico da pandemia fez com que as instituições de ensino refletissem sobre seus modelos de ensino e aprendizagem, tornando o estudante como sujeito ativo nesse processo. Contudo ainda ocorrem desigualdades, que motivam retrocessos no cenário educativo. Algumas vezes, o termo 'igualdade' parece ser esvaziado de significado. Muitos insistem na ideia equivocada de ver o ser diferente como um problema.

6.3 Ensino remoto

Na concepção de Alves (2022), “o ensino remoto constitui um conjunto de práticas pedagógicas mediadas por plataformas digitais”. As aulas são realizadas de forma síncrona ou são gravadas e disponibilizadas nas plataformas virtuais. Até 2020, com a pandemia do Coronavírus, era um modelo pouco conhecido, se comparado a outros, mas que se tornou uma das alternativas nesse período que exigiu distanciamento social. Os educadores tiveram que adaptar o modo de ensino, buscando suprir as necessidades dos discentes. A mudança do ensino presencial ao remoto ocorreu em pouco tempo, fazendo com que profissionais da educação realizassem uma verdadeira transformação diante do cenário caótico que a Covid-19 impôs por todo o mundo.

A necessidade da continuidade do ensino após uma interrupção se deu devido ao atraso já previsto pelas instituições de ensino, todavia, sem avaliar a situação vivida pelo país durante anos, está demonstrada nesse período da pandemia e que necessita de uma atenção especial. Considerando-se tal urgência, implantar o ensino remoto em um sistema já instalado foi um desafio e ao mesmo tempo chocou-se com uma realidade camuflada principalmente pela desigualdade, onde evidentemente boa parte não pode ter acesso a diversas maneiras de ensino por não se enquadrar no que a sociedade considera aceitável.

Segundo Faustino e Silva (2020), a implementação do ensino remoto não é algo tão simples. A ruptura dos processos presenciais aos virtuais de ensino e aprendizagem requer maior exploração de recursos tecnológicos até então pouco utilizados no ambiente escolar. Essa forma de ensino requer nova metodologia em que a abordagem do conteúdo precisa ser feita de uma forma diferenciada, tendo em vista que mesmo para os estudantes com acesso aos meios tecnológicos, há limites para a apreensão dos conteúdos. Na sala de aula presencial há maior suporte e contato direto com o professor. Além disso, é necessário ressaltar que nem todos os conteúdos, dadas as suas especificidades, se adequam satisfatoriamente ao ensino remoto.

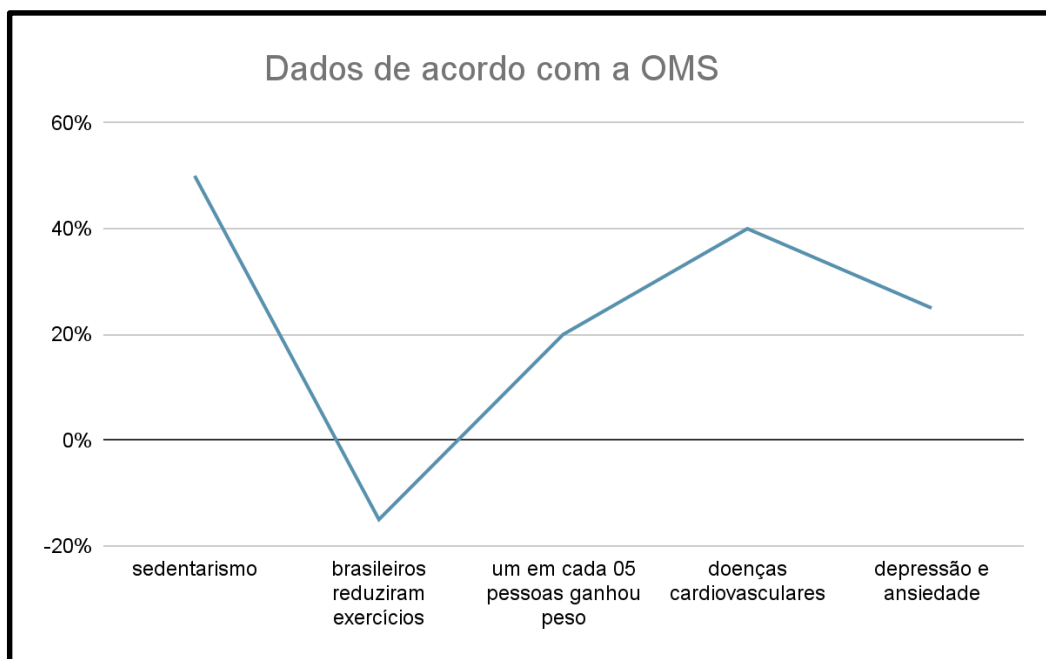
É notório que esse tipo de ensino trouxe inúmeros benefícios, bem como mostrou que somos capazes de nos adaptar a variadas situações, tendo as tecnologias como auxiliadoras do ensino. Ao mesmo tempo, demonstrou o quanto ainda precisamos aprender em relação ao ensino mediado pelas tecnologias, uma ferramenta muito versátil e que facilita a vida tanto de estudantes quanto de professores.

No entanto, a praticidade e a ‘liberdade’ adquiridas de um distanciamento social e fortalecidas pelo ensino remoto, permeou discussões muito debatidas antes, principalmente acerca do ambiente escolar seguir padrões considerados um pouco ultrapassados. Não obstante

‘vítimas’ de uma pandemia com alta taxa de mortalidade, dominar ferramentas digitais se tornou motivação e necessidade, onde os horários tornaram-se descartáveis e o presencial proibido, a sociedade aproveitou-se de tal situação para reafirmar a importância da digitalização escolar.

Por outro lado, o ensino remoto nos remete a algumas desvantagens. O nível de sedentarismo cresceu, uma vez que estudantes e professores ficaram mais tempo dentro de casa, a partir do momento em que as atividades se limitavam a esse ambiente. Também diminuiu a interação, que se reduziu muito. Fora do ambiente presencial, os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem ainda não se adaptaram ao diálogo pelas telas.

Quadro 2: Dificuldades decorrentes da pandemia



Fonte: de autoria própria

Outro fator decorrente da pandemia foi o isolamento social. Houve aumento do número de pessoas ficando mais tempo em frente aos celulares e computadores, visto que era uma das poucas alternativas para se ter diálogo/convívio. O esgotamento também foi um ponto negativo, visto que estar em frente ao computador por horas passou a ser obrigatoriedade para educadores e educandos, um formato nunca experimentado diante desse cenário dos últimos anos. Paralelamente a isso, o rendimento escolar foi baixo em comparação com o período antes da pandemia. Além disso, o índice de desistência voltou a subir, uma das justificativas seria a falta de acesso aos meios digitais, em que a ausência de assistência por parte dos governantes, cujos fatores são cruciais para o aprendizado dos estudantes.

De acordo com Moran (2018 p.19):

As tecnologias digitais hoje são muitas, acessíveis, instantâneas e podem ser utilizadas para aprender em qualquer lugar, tempo e de múltiplas formas. O que faz a diferença não são os aplicativos em si, mas estarem nas mãos de educadores, gestores (e estudantes) com uma mente aberta e criativa, capaz de encantar, de fazer sonhar, de inspirar. Professores interessantes desenham atividades, gravam vídeos atraentes. Professores afetivos conseguem comunicar-se de forma acolhedora com seus estudantes através de qualquer aplicativo, plataforma ou rede social.

Outra discussão a ser levantada a respeito do ensino remoto é a maneira como as instituições pretendem utilizá-lo a partir desse período de experimentação, uma vez que apesar da pretensão de uma volta parcial das aulas presenciais, não há garantia de continuidade devido à transmissão da Covid-19 ainda ser realidade no mundo. Além disso, mesmo sendo uma alternativa, é justificável a dificuldade em reconhecê-lo como uma opção de ensino, visto que tal ‘comodidade’ não é um status temporário se considerarmos a população, o ensino remoto nos proporcionou a possibilidade de aprender e compartilhar conhecimento e convivência do dia a dia através de plataformas virtuais, além de manusear ferramentas que em diversas ocasiões eram vistas quase como vilãs da sociedade.

Apesar de saber que o mundo está cada vez mais tecnológico, isso reflete na necessidade de nos adaptarmos a essas novidades, uma vez que as tecnologias digitais estão cada vez mais disponíveis para todos. Entretanto, devido à situação vivida no país, inúmeras famílias desconhecem a(s) condição(ões) de seus filhos (surdez). Como muitas famílias contam com o auxílio das escolas, o isolamento social dificultou o contato visual, ferramenta essencial para comunicação com a pessoa surda. Desse modo, mesmo utilizando ferramentas adequadas para o ensino remoto, para os estudantes surdos e suas famílias, a modalidade apresentou dificuldades ainda maiores.

6.4 TDICs

TDICs é um nome dado às Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação. Talvez um pouco desconhecida para alguns, no entanto têm sido de grande importância na educação. Tornaram-se indispensáveis no processo de ensino em 2020 e a tendência é que continuem, já que não se sabe quanto tempo vai ser necessário para voltar às atividades exclusivamente presenciais. Além disso, mesmo depois dessa volta, serão muito importantes, uma vez que a escola aprendeu melhores formas de utilizá-las e observou o quanto podem auxiliar a aprendizagem.

O ensino digital quebrou a lógica que propunha atividades, metodologias e informações iguais para todos. Tudo era realizado no mesmo ritmo e tinha a mesma duração. Para Moran (2022), para haver convergência digital são necessárias mudanças profundas, que afetam a escola em todas as suas dimensões, desde a infraestrutura, passando pelo projeto pedagógico, formação docente, mobilidade até a avaliação.

As TDICs no processo de ensino despertam o interesse dos estudantes por utilizarem ferramentas a que estão habituados no dia a dia, além de permitir que desenvolvam sua criatividade dando mais autonomia, mantendo contato com pessoas de diferentes lugares ao mesmo tempo. Elas instigam a curiosidade desse público justamente por trazer inovação para sala de aula, saindo um pouco do ensino tradicional e, ao mesmo tempo, possibilitando que estudem em qualquer lugar, basta ter conexão com a internet ou simplesmente baixando os arquivos.

Vale lembrar que, por muito tempo, o uso de tecnologias nos ambientes escolares era visto como elemento que atrapalhava o aprendizado dos estudantes e também afetava o desenvolvimento da aula. Todavia se tornaram parceiras do ensino, possibilitando que as aulas pudessem ser ministradas virtualmente. O processo de adaptação tanto de professores quanto de estudantes foi gradual, principalmente devido ao enfrentamento à instabilidade e à insegurança das plataformas e à interação com essa nova realidade.

Por outro lado, algumas unidades de ensino encontram problemas por não possuírem uma estrutura física tecnológica necessária capaz de atender à demanda. Há ainda a falta de formação dos profissionais de educação e a resistência em agregar novos métodos às aulas. Além disso, parte dos estudantes se veem perdidos em meio a tantas novidades.

É difícil dissociar as mídias digitais do ambiente escolar, uma vez que se tornaram grandes aliadas na promoção do conhecimento. Contudo, apesar de os estudantes terem acesso aos conteúdos na internet, isso não é sinônimo de aprendizagem. O objeto de trabalho da escola

não é a informação, mas o conhecimento. Embora a informação seja uma parte do conhecimento, há outros elementos que o compõem. Para promover a apreensão e o aprendizado do conhecimento são necessários fatores como um mediador e a interação entre os sujeitos do processo.

Nesse sentido, o educador tem papel fundamental que é mediar esse conhecimento com o auxílio das tecnologias digitais e o estudante. Buscando fazer com que parte do conteúdo transmitido reflita no desenvolvimento escolar do estudante. Assim, o processo de aprendizagem se torna mais dinâmico e interativo, mas para que haja melhor aproveitamento do uso dessas tecnologias, Kenski pontua que:

É necessário que os professores se sintam confortáveis para utilizar esses novos auxiliares didáticos. Estar confortável significa conhecê-los, dominar os principais procedimentos técnicos para sua utilização, avaliá-los criticamente e criar novas possibilidades pedagógicas partindo da integração desses meios com o processo de ensino. (KENSKI, 2001, p.77)

Assim, as TDICs, são ferramentas muito importantes no processo de ensino, mas ao mesmo tempo deve haver equilíbrio no que se refere ao manuseio dessas ferramentas no ambiente escolar. Isso diz respeito também ao uso e manutenção, pois nada adianta usufruir sem cuidar. Além disso, as unidades educacionais devem capacitar os profissionais da educação para saber como agir diante da comunidade em geral. Enfim, tecnologia e conhecimento podem caminhar juntos, buscando desenvolver uma educação de qualidade.

7 RESULTADOS DE PESQUISA

Para responder ao problema de pesquisa, que foi saber como o uso de tecnologias digitais influenciou o ensino de estudantes surdos dos cursos Técnicos Integrados ao ensino médio do *Campus* Dianópolis do IFTO no período de pandemia pela COVID 19, foram realizadas entrevistas com alguns profissionais. Solicitei à Coordenação de Apoio ao Ensino nomes de profissionais que atuaram com esses estudantes desde 2020, na instituição. A Coordenação informou que muitos deles já haviam deixado o *campus*. Entrei em contato com os demais, pedindo uma reunião para tratar do tema. Três professores concordaram e responderam à entrevista que estruturei. A seguir vêm os resultados do relato desses professores.

Nas entrevistas, os relatos de um professor e uma professora seguiram linhas parecidas, pois destacaram o quanto foi desafiador o ano de 2020, justamente no início da pandemia e as atividades tornarem-se remotas. Dessa forma, os estudantes surdos ficaram algum tempo sem desenvolver suas atividades escolares, visto que migrar do presencial ao virtual não foi tarefa simples.

Devido a essa dificuldade mencionada no ano anterior, em 2021 a situação começou a mudar com o trabalho de um intérprete de Libras. Segundo os entrevistados, um excelente profissional que, junto com sua equipe, auxiliou os professores em suas aulas e essa parceria teve impacto positivo quanto ao andamento do trabalho.

No entanto, a dificuldade de acesso, sendo um dos pilares inviabilizadores do ensino a distância, enfatizando assim o atraso estabelecido na educação, tornou-se uma das principais preocupações e discussões das instituições de educação. Não obstante, as principais tecnologias desenvolvidas para tal auxílio, boa parte dos estudantes não conseguiam manusear sem ajuda. Todavia, apesar dos impasses, os profissionais concluíram que o resultado de 2021 foi positivo se comparado a 2020.

Outra professora entrevistada ressaltou que os surdos são capazes de aprender, se os profissionais utilizarem algumas estratégias didático-pedagógicas. Ela afirmou que, apesar de a organização do sistema educacional ser pautada pela leitura e pela escrita, é possível se utilizarem outras estratégias que podem colaborar com a aprendizagem de estudantes surdos. Para ela, além da presença de um intérprete de Libras em sala de aula, esse público utiliza muito das estratégias visuais para perceber o mundo. No ensino remoto, materiais síncronos ou assíncronos também precisam levar isso em consideração. Essa professora enumerou algumas dessas estratégias e possibilidades que foram utilizadas por ela e por outros professores do *Campus* Dianópolis do

IFTO durante o ensino remoto de 2020 a 2022. Segundo a docente, todos esses procedimentos também podem ser aplicados no ensino presencial.

1. Apresentações de imagens para passar conceitos. No ensino remoto as imagens eram apresentadas diretamente pelos aplicativos de reuniões on-line, como o *Google Meet*. No ensino presencial, imagens podem ser reproduzidas com a ajuda de um projetor. Outra opção é usá-las de forma impressa. Apesar de o emprego de slides para a aula parecer ser a estratégia mais aplicada atualmente, alguns cuidados devem ser tomados. Um dos aspectos que devem ser evitados é a utilização exagerada de textos. Os slides devem ter o máximo de detalhes de informações visuais possíveis, como imagens, desenhos e figuras, além de frases curtas, preferencialmente associadas com as ilustrações.

2. Uso do quadro para desenhar, fazer detalhes ou esquematizar ideias. Além disso, podem ser utilizadas cores diferentes, setas e símbolos para auxiliar os estudantes no entendimento da matéria.

3. Disponibilização do conteúdo para o acadêmico com antecedência. No ensino presencial o material pode ser impresso e o estudante pode reproduzir em ambiente virtual ou por meio de outros recursos de que dispuser, como o auxílio de professores em Salas de Recursos Multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEEs).

4. Busca, pelo professor, de sinais básicos, gerais ou exclusivamente destinados à disciplina desenvolvida. Os sinais podem ser apresentados aos estudantes diretamente da internet ou por meio de fotografias ou vídeos do próprio professor empregando esses sinais.

5. Realização de atividades práticas, com dinâmicas de interação relacionadas ao conteúdo.

6. Utilização de materiais didáticos ou paradidáticos produzidos em Libras ou bilíngues (Língua Portuguesa/Libras). Os materiais podem ser disponibilizados por empréstimo da biblioteca e da Sala de Recursos Multifuncional ou no Ambiente Virtual de Aprendizagem.

7. Apresentação de filmes. É importante lembrar que os filmes devem ser passados sempre com legendas e, quando possível, com audiodescrição. Quando a situação o permitir, inserir, também, interpretação em Libras. No ensino remoto do *Campus Dianópolis* alguns professores propuseram explicações inteiras em filmes em Libras disponíveis na internet.

A referida professora informou, também, que em 2021, com a continuidade do ensino remoto, houve um projeto com sugestão de metodologias e atividades para atendimento a pessoas

surdas, o Projeto de Atenção Pedagógica Bilíngue para Estudantes Surdos (PROAPES) (Anexo A). Ela descreveu como o atendimento se dava. De acordo com a docente, o documento, compartilhado com toda a equipe que atenderia os estudantes, o plano de ação era um instrumento norteador que alinhava os procedimentos pedagógicos para o(s) estudante (s) surdo(s) matriculado(s), contribuindo para o crescimento educacional, intelectual e profissional. Ele apresentava sugestões para cada componente curricular em conformidade com as habilidades e competências preconizadas no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), bem como as legislações vigentes sobre a educação dos surdos. É uma espécie de manual para que os professores tenham pontos de partida para o trabalho.

A entrevistada ressaltou, ainda, que o projeto compartilhado continua válido e apresenta sugestões que podem ser utilizadas tanto no ensino a distância quanto no formato presencial. Para ela, o documento é uma referência, um marco para a inclusão de pessoas surdas.

Como visto, as respostas mostram que pode haver certos empecilhos em relação à comunicação com estudantes surdos. Alguns professores não se adaptam e utilizam os mesmos recursos usados com os discentes que são ouvintes. No entanto, como também demonstrou a pesquisa, há opções básicas para um melhor entendimento dos estudantes surdos e para sua inclusão. São ações que a equipe do *Campus* Dianópolis já vem realizando, que podem ser replicadas por outras instituições. Este trabalho mostrou um pouco dessas possibilidades. Muitas outras podem ser utilizadas. Com boa vontade, cuidado e respeito à diversidade e à cultura surda a inclusão pode sair do papel e ser uma realidade nas escolas.

Por outro lado, apesar de a pesquisa ter tido como foco a investigação de como as tecnologias digitais podem auxiliar no ensino remoto de estudantes surdos, os entrevistados não detalharam que ferramentas ou plataformas digitais foram utilizadas. Com certeza há ainda muitos mecanismos que podem ajudar na inclusão.

8 CONCLUSÃO

Após análise dos segmentos discutidos no decorrer desta pesquisa, conclui-se que o caminho a ser percorrido quanto ao estereótipo fomentado por uma sociedade que desconhece surdez ou Libras ainda necessita de espaço justamente onde não há demanda de se 'enquadrar' pelo fato de ter alguém com tal condição. Apesar disso, alguns avanços foram apresentados em políticas públicas voltadas à comunidade surda. Paralelamente à inclusão, que está normatizada desde a LDB, também se regulamentou a profissão intérprete de Libras, houve aumento significativo de programações e eventos mais acessíveis e regulamentação de núcleos de apoio a pessoas com deficiência, SRM para AEE, entre outros. Houve, também, investimentos voltados para essas questões, mesmo que muitas vezes limitados, o que dificulta ações que favoreçam a população.

Paralelamente a isso, nota-se a "obrigatoriedade" dos discentes de emergir na Libras, a partir da experiência de convívio com estudantes surdos. Todavia, deparam-se com um sistema por vezes despreparado e custos não acessíveis no que diz respeito ao domínio da língua. Além disso, entende-se que quanto à tomada de decisão principalmente ao discutir as políticas públicas voltadas a surdos, é necessário a participação ativa desses grupos como integrantes das organizações que redigem as leis que os amparam. Apesar de existir, as tecnologias ainda enfrentam barreiras, onde enfraquece a socialização e aprendizado da Libras, ou às vezes não alcança os grupos necessários.

O desconhecimento quanto às pesquisas bibliográficas tendo a Libras como objeto de pesquisa fortalece a invisibilidade, em um meio social pautado pela necessidade individual e não em prol de um movimento social. Desse modo, há necessidade de maior divulgação dos direitos das pessoas surdas e das pesquisas sobre elas, para facilitar a inclusão e o convívio social mais harmonioso. Esta pesquisa foi um começo, mas muitas outras são necessárias.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. **Educação Remota: Entre A Ilusão E A Realidade**. *Educação*, 8 (3), 348-365. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n3p348-365>. Acesso em 31 mai. 2022.

BARROS, D. D. **Formação inicial de professores de matemática na perspectiva da educação inclusiva: contribuições da disciplina de Libras**. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Rio Claro: 2017.

BRASIL, **Lei nº 10.436**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: 2002.

BRASIL, **Lei nº 12.319**. Regulamenta a profissão do Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais – LIBRAS. Brasília: 2010.

FAUSTINO, L. S e S; SILVA e SILVA, T. F. R. “Educadores Frente À Pandemia: Dilemas E Intervenções Alternativas Para Coordenadores E Docentes”. **Boletim de Conjuntura(BOCA)**, vol. 3, n. 7,2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. SÃO PAULO: PAZ e TERRA, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**, 17^a.ed. RIO DE JANEIRO, Paz e Terra, 1987.

KENSKI, V. M. Em direção a uma ação mediada pelas tecnologias digitais. In BARRETTO, Raquel (org.). **Tecnologias Educacionais e Educação à Distância: avaliando políticas e práticas**. Rio de Janeiro: Quartet 2001. p. 74-84.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** 1^a edição. São Paulo : Moderna , 2003.

MORAN, J. M. Entrevista: Contribuição Das Tecnologias Para A Transformação Da Educação. **Revista Com Censo #14**, vol. 5, nº 3, agosto-2018.

____. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. Disponível em [www2.eca.usp.br?moran](http://www2.eca.usp.br/?moran). Acesso em 03 ago. 2022.

MUNDO BOA FORMA. Sedentarismo aumentou na pandemia, aponta estudo. **Mundo Boa Forma**. 11 mar. 2021. Disponível em: <https://www.mundoboaforma.com.br/sedentarismo-aumentou-na-pandemia-aponta-estudo/> . Acesso em: 30 jan. 2022.

NASCIMENTO, S. M. C. C. do. **LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais e as possibilidades de comunicação que oferece à pessoa com surdez**. Disponível em: <http://files.revista-academica-online.webnode.com/200000351-ca1b3cb1a1/LIBRAS.pdf> . Acesso em 02 jul. 2022.

SASSAKI, R.K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 8^aed. Rio de Janeiro:WVA 2010.

SISTEMA DE CONSELHOS DE FONOAUDIOLOGIA. **Guia de orientação na avaliação audiológica.** Vol. 1. Rio de Janeiro: 2020.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. Trad. Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Descreva o processo de ensino-aprendizagem de estudantes surdos no *Campus* Dianópolis do IFTO durante o período da pandemia.
2. Quais foram as principais dificuldades apresentadas?
3. Quais as principais estratégias de ensino e ferramentas didático-pedagógicas que você utilizou nesse processo?

ANEXO A: PROJETO DE ATENÇÃO PEDAGÓGICA BILÍNGUE PARA ESTUDANTES SURDOS - PROAPES